

# A VOZ DO DONO

No último artigo, falávamos do projeto do governo, de domesticar as Forças Armadas brasileiras, afastá-las definitivamente da política e transformá-las em obediente instrumento dos políticos e dos ongueiros, os quais, por seu turno, são obedientes instrumentos duma oligarquia internacional cujo projeto de longo prazo é liquidar todos os Estados nacionais soberanos e estabelecer um mundo sem fronteiras, povoado por aglomerados humanos sem identidade, governados por difusa rede de entidades internacionais controladas por burocracias anônimas e inacessíveis.

No mesmo artigo prometemos citar documentos. Para começar, vejamos o ponto central do projeto de domínio mundial da oligarquia. Dizíamos: “*Esse projeto utiliza duas ferramentas: a “democracia” e os “direitos humanos”.* Quando exige, sob ameaça de intervenção militar, que os países mais fracos se “democratizem” – ou seja, entreguem o poder aos políticos – e respeitem os “direitos humanos” – ou seja, entreguem o poder às ongues – a oligarquia internacional, que patrocina políticos e ongues, põe em cheque a autoridade de Estado, a soberania e a integridade territorial desses países, e assim prepara novos avanços na sua estratégia.”

Confira com o que diz o senhor Richard Haass, presidente do CFR, o *Council on Foreign Relations*. Que Conselho é esse? A folha corrida do CFR não cabe neste espaço, por isso vamos resumir: todos os presidentes, secretários de Estado e principais governantes dos Estados Unidos, os primeiros ministros e governantes do Reino Unido, os principais líderes da União Européia, mais uma multidão de gente em todos os órgãos tipo FMI, Banco Mundial, etc., mais outra multidão de intelectuais influentes, todos têm sido, desde a década de 1920, associados do CFR. Se alguém procurasse a sede do fantástico “governo mundial secreto” – o qual, como vimos, não é secreto nem tem centro – não estaria de todo errado se batesse à porta do CFR. Se o leitor quiser tentar, é fácil. O endereço é 58 East 68th Street, na Park Avenue, em Nova Iorque. Mas não espere nenhum antro de conspiradores. É um belo local, no qual o visitante é bem recebido e pode ter acesso às informações desejadas, assinar publicações e até participar de atividades, se tiver suficiente capacitação ou qualificação.

Bem, vejamos o que nos diz o senhor Haas. Num artigo escrito em 2006, intitulado *Soberania e Globalização*, explica a doutrina oficial dessa gente toda aí acima enumerada. O mundo, segundo eles, mudou. Em vez de cerca de 190 nações, o mundo agora é governado pelos 190 governos **mais** grande quantidade de “atores independentes”, entre os quais as **ongues**, as **multinacionais**, as **instituições globais e regionais** (como a ONU e a OEA, por exemplo), os **bancos internacionais**, os **grupos terroristas** e os **cartéis do narcotráfico**. Os governos, que antigamente **governavam**, hoje são apenas sócios dessas instituições todas, e têm de aprender a conviver com elas. Essa é a opinião do senhor Haass e seus amigos, para os quais a al-Qa’idah e as FARC são, como vimos, “atores independentes”. Diante disso, continua ele, “*novos mecanismos são necessários à governabilidade regional e global. Não estamos pro-*

**“O governo mundial não é senão um derivado totalitário do liberalismo. Nele se reconciliam os internacionalistas de esquerda e os negociantes das multinacionais, à custa da destruição das nações, dos povos e dos trabalhadores do mundo inteiro”.**

*pondo que a Microsoft, a Anistia Internacional, ou o banco Goldman Sachs tenham assentos na ONU, mas sim, que representantes dessas entidades sejam incluídos em todas as deliberações regionais e globais acerca de desafios nos quais tenham a capacidade de influir. Além disso, os países devem preparar-se para entregar parte da sua soberania aos órgãos mundiais, se desejarem que o sistema internacional funcione.”* Entendeu, leitor? Tem mais: “*Tudo indica que a soberania deve ser redefinida, se os Estados quiserem dar conta do processo de globalização.*” Até que ponto o senhor Haass e seus amigos querem que os governos abram mão da sua soberania? Sem limites. Veja: “*Pode haver necessidade de reduzir ou de eliminar a soberania quando um governo, por falta de capacidade ou por política deliberada, não consiga atender as necessidades básicas dos seus cidadãos.*” Ou



A Voz do Dono

seja: carta branca para invadir países que, de acordo com os critérios de Haass & Cia., não atendam às “necessidades básicas do cidadão.” Haass dá mais esclarecimentos: “*Nossa noção de soberania deve, portanto, ser condicional, deve ser como um contrato, e não algo absoluto. Se algum governo não cumprir o seu lado do contrato, ou seja, se patrocinar terrorismo, transferir ou usar armas de destruição em massa, ou praticar genocídio, nesse caso deve perder o benefício da soberania e sujeitar-se a ser atacado, removido ou ocupado.*” Curiosamente, o CFR nunca se mexeu

com relação a Cuba, por exemplo.

Mas Haass não é o manda-chuva. É simples conselheiro. Vejamos agora a palavra do presidente Bush, no seu discurso de posse em 2005. Segundo Bush, sua missão não era governar os Estados Unidos, mas salvar o mundo. Logo de cara, afirma: “*A nossa liberdade depende da liberdade dos outros países. A melhor esperança de paz é a expansão da liberdade em todo o mundo. (...) Portanto, a política dos Estados Unidos é buscar e apoiar o crescimento dos movimentos e instituições democráticas* (leia-se **ongues, políticos e constituições como a de 1988**) *em cada nação e cultura* (atenção, leitor: **nação e cultura**; isso enquadra as tribos indígenas de Roraima) *com o objetivo maior de acabar com a tirania em nosso mundo.*” Em seguida, Bush ressalva que “*a América não pretende impor o nosso estilo de governo aos que não o queiram*”; logo, o leitor tem de concluir que os iraquianos **querem** copiar o estilo americano de governo, caso contrário Bush jamais pisaria lá. Finalmente, Bush dá um recado de encorajamento às ongues, pastorais e outros “atores independentes”: “*Encorajaremos as reformas nos outros governos, deixando claro que as suas boas relações conosco exigirão que tratem decentemente os seus próprios povos. (...) Todos os que vivem sem esperança, sob tiranias, saibam que os Estados Unidos não ignorará a opressão nem perdoará os opressores. Se lutarem por sua liberdade, estaremos do seu lado. Reformadores democráticos, ameaçados de repressão, prisão ou exílio, saibam que a América vos vê como de fato sois: futuros líderes do vosso país livre.*”

Em contradição com a oligarquia americana de hoje, Thomas Jefferson, um dos fundadores dos Estados Unidos, aconselhava: “*Nosso lema em política externa deve ser: comércio, paz e amizade com todas as nações, aliança com nenhuma.*”

A traição vem de longe. Vejamos o que John Kennedy dizia em 1962: “*Os americanos devem aprender a pensar intercontinentalmente. Por si*

*só, a América não conseguirá estabelecer justiça no mundo.*” Nenhum dos fundadores dos Estados Unidos jamais afirmara, ou incluía na Constituição, a absurda ideia de que seu país teria a missão de “*estabelecer justiça no mundo.*” Em 1961 Kennedy havia publicado, por intermédio do Departamento de Estado, um inacreditável plano mundial de desarmamento no qual propunha a extinção de todas as forças armadas nacionais e o estabelecimento duma polícia mundial controlada pela ONU, encarregada de “manter a paz”, ou seja, de governar o mundo. Isso, no tempo dos Fundadores, teria sido considerado traição, punível com força ou fuzilamento. Mas Kennedy não fazia senão copiar as palavras de Winston Churchill em 1946, no seu famoso discurso sobre a “Cortina de Ferro”, em que propunha a criação dum exército multinacional sob o comando da ONU, apto a intervir em qualquer local do mundo onde a “paz” fosse ameaçada.

Infelizmente o espaço é limitado, por isso vamos deixar as conclusões – ou seja, o que, disso tudo, interessa ao Brasil e particularmente às Forças Armadas – para o próximo Inconfidência. E terminar com recente declaração duma líder patriótica francesa, sobre a real natureza do internacionalismo globalista: “*O mundialismo não é outra coisa senão um derivado totalitário do liberalismo. Nele se reconciliam os internacionalistas de esquerda e os negociantes das multinacionais, à custa da destruição das nações, dos povos e dos trabalhadores do mundo inteiro*”.

Quando observamos a atual cúpula governante, toda ela cevada na guerrilha, no terrorismo e na traição, como agentes pagos de regimes comunistas, em plena promiscuidade com as grandes multinacionais, as ongues e a fina flor da oligarquia mundial, milionários e enturmados no *jet set* e no mundo das *celebrity*, não há o que estranhar. Uma mão lava a outra.

\* *Economista, ex-aluno da Escola Preparatória de Cadetes de São Paulo*



\* A. C. Portinari Greggio

**GBOEX**  
PREVIDÊNCIA PRIVADA

Consulte o seu corretor de seguros ou fale conosco:  
**0800 541 2483** [www.gboex.com.br](http://www.gboex.com.br)  
Rua Goitacazes, 61 Centro  
Belo Horizonte/MG - Fone: (31) 3224.6342

## Um plano que respeita os mais velhos. E os mais novos também.

Ingresso de 14 a 80 anos.

**VIDA LONGA**  
GBOEX

Segurança que passa de geração em geração.